

Discussões sobre juventude à luz de *Vida Juvenil* (1949-1959)

Mariana Elena Pinheiro dos Santos de Souza¹

Resumo: O artigo deriva da pesquisa de doutoramento em curso, cujo objeto e fonte é a revista *Vida Juvenil*. A revista, direcionada ao público jovem, era editada pela Sociedade Gráfica Vida Doméstica e apresentava caráter híbrido, se dividindo entre divertir, educar, instruir e preparar os leitores para o mercado de trabalho. Assim, buscou-se apresentar aspectos de *Vida Juvenil* que iluminassem parte dos objetivos propostos pelo editorial da revista, bem como dos intelectuais que colaboraram com ela, facultando a observação de representações de juventude. Ademais, buscou-se travar uma discussão com parte do arcabouço teórico composto para o estudo, que orientaram parte das análises da fonte. Para tanto, os estudos de Groppo (2000a, 2016, 2017), Pais (1990) e Catani & Giglioli (2008) foram seminais para o artigo. Trata-se de uma pesquisa de cunho teórico-documental, de modo que a consulta à fonte analisada foi possibilitada pela Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional. As análises apontaram para representações diversas em relação aos jovens daquele período, mas com discursos bastante aproximados no que concernia ao amor à pátria, aos bons costumes e ao trabalho.

Palavras-chave: Representações; Juventude; Vida Juvenil; Periódico; Sociedade Gráfica Vida Doméstica

Abstract: The article derives from the author's current doctoral research, whose object and source is the magazine *Vida Juvenil* (*Juvenile Life*, in a free translation). The magazine, which was directed to the youths, was published by the publishing house Sociedade Gráfica Vida Doméstica and presented hybrid content, being divided into amusing, educating, instructing and preparing its readers to the labor market. Thus, we aimed to present some aspects of *Vida Juvenil* that could highlight part of the objectives of the magazine's editors, as well as the intelligentsia who collaborated with it, granting the understanding of some representations of youth. Furthermore, it aimed at discussing with part of the theoretical foundation that has guided part of the analysis of the source. For this purpose, the studies of Groppo (2000a, 2016, 2017), Pais (1990) e Catani & Giglioli (2008) were seminal to this paper. This is a theoretical and documental research, in such a way that the access to the source was granted by Hemeroteca Digital of Fundação Biblioteca Nacional, the Brazilian national library. The theoretical foundation was composed by Chartier (1991, 2011), Groppo (2000a, 2016, 2017), Pais (1990), Catani and Giglioli (2008) and Souza (2019, 2022). The analysis indicated some diverse representations regarding the youths, but with coincidental discourses related to love for the homeland, to the good manners and work.

Keywords: Representations; Youth; Vida Juvenil; Magazine; Sociedade Gráfica Vida Doméstica

Discussions regarding youth through *Vida Juvenil* (1949-1959)

¹ Docente dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (CAp/UFRJ). Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd/UERJ). Bolsista de doutorado da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Contato: marianaepss@gmail.com

Introdução

O presente estudo deriva da pesquisa de doutoramento da autora, que tem por objetivo apresentar e discutir alguns aspectos relacionados à juventude tendo como fonte privilegiada de análise a revista *Vida Juvenil*, de maneira relacional à revisão de literatura que vem sendo realizada. Trata-se de uma revista publicada entre 1949 e 1959, no Distrito Federal, à época, cujo público visado, de acordo com as análises realizadas até o momento, era jovens urbanos das camadas média e alta do Brasil, de ambos os sexos, em período escolar.

A análise do periódico tem possibilitado observar diversas representações de diferentes fases da vida, no período de destaque, com especial ênfase em questões físicas/estéticas e de papel social do jovem. Em diversos fragmentos, nota-se a caracterização dos leitores de *Vida Juvenil* na condição de sujeitos com dúvidas, possíveis crises existenciais e com a necessidade de aconselhamento em diversos níveis, principalmente nos âmbitos educativo (finalizar o Ensino Secundário e, possivelmente, dar início ao Ensino Superior), laboral (compor a massa de trabalhadores do país), pessoal (ser um “bom sujeito”) e social (atentar-se para sua atuação perante a nação).

Trata-se de pesquisa de cunho teórico-documental, de modo que, metodologicamente, lança-se mão da fonte primária: a revista *Vida Juvenil*, que se encontra disponível na Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional². No que concerne ao arcabouço teórico deste estudo, a base para compreender questões de representação advém das discussões de Chartier (1991, 2011). De maneira específica ao sujeito desta investigação, o jovem, Groppo (2000a, 2016, 2017), Pais (1990), Catani e Giglioli (2008) e Souza (2019, 2022) se destacam em relação às discussões sobre juventude.

Assim, com este trabalho espera-se contribuir com os estudos que têm sido desenvolvidos acerca de juventude(s), com especial ênfase na História da Educação. Tem-se notado certa lacuna nesse sentido, não só em relação à juventude, como também à juventude no âmbito da História da Educação, principalmente ao se comparar com os estudos concernentes à infância. Assim, busca-se focalizar a juventude a fim de compor um estado da arte mais amplo.

Sobre *Vida Juvenil*

Vida Juvenil foi uma revista publicada pela Sociedade Gráfica Vida Doméstica, de 1949 a 1959, de circulação nacional. O periódico fazia parte de uma rede de publicações da editora, a saber: 1) *Vida Doméstica*, revista que dá nome à editora e de maior longevidade

² Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 03 de jan de 2023.

(1920-1962); 2) *Vida Infantil* (1947-1960); 3) *Coletânea do Magazine Digest* (1951-1960); e 4) *Cadernos Brasileiros* (ainda sem informações). Como é possível pressupor a partir de alguns dos títulos, *Vida Doméstica* tinha como público visado moças e mulheres, vistas como futuras ou atuais esposas e donas do lar (SANTOS, 2011). Já *Vida Infantil* era direcionada a crianças em contexto de escolarização, de idade aproximada entre sete e doze anos. A noção empregada em *Vida Infantil* era a de que o periódico não deveria ser apenas para entreter e divertir seus leitores; ele deveria, também, servir de material de educação e instrução, no formato de uma escola em revista (SOUZA, 2019). Não foi possível localizar estudos acerca da revista *Coletânea*, porém, após pesquisa preliminar, observou-se que se tratava de um compilado de artigos publicados em uma revista americana intitulada “Magazine Digest”³ e parecia ser direcionada ao público adulto, entre homens e mulheres, uma vez que contava com artigos sobre medicina, guerra, filhos, além de propagandas de carro, óleo para motor de carro e programas de rádio.

Assim, importa observar a rede associada à Sociedade Gráfica Vida Doméstica e o espaço de *Vida Juvenil* nessa rede. A editora parecia almejar entrar nos lares brasileiros da classe média de diferentes formas, fosse a partir de publicações voltadas à mãe, ao pai, à criança ou ao jovem/ às moças. Para além do âmbito doméstico, é possível afirmar que o ambiente escolar também era visado pelos editores, uma vez que foi feita uma solicitação à prefeitura do Distrito Federal pedindo que a revista tivesse livre circulação nas escolas de ensino primário da antiga capital federal (SOUZA, 2019, p. 23). Contudo, não foi possível confirmar ou refutar tal solicitação. De todo modo, a editora vislumbrava a ampliação de sua circulação e consumo, com especial ênfase no ambiente escolar.

Vida Juvenil foi a revista de menor duração no rol de produções da Sociedade Gráfica Vida Doméstica, tendo circulado por apenas dez anos, mas tem se mostrado fonte fecunda para se observar a juventude visada por seus editores. *Vida Juvenil* possuía, em média, 80 páginas, através das quais podia se observar um hibridismo em relação ao conteúdo (SOUZA, 2019). O periódico contava com seções de cunho educativo, instrutivo, divertido e de preparo para o mercado de trabalho. O quadro a seguir apresenta algumas das principais seções de acordo com o gênero.

³ De acordo com o expediente da revista, trata-se da *Magazine Digest Corp.*, localizada em Nova Iorque, Estados Unidos.

Quadro 1: Exemplos de seções de *Vida Juvenil*

Seção	Gênero	Intelectual responsável
Histórias em Quadrinho (HQs)	Divertido	Diversos ⁴
O mundo através da mitologia	Educativo	Lausimar ⁵
A matemática sorri para você	Instrutivo	Prof Mello e Souza (Malba Tahan) ⁶
Escolha sua profissão	Preparo para o mundo do trabalho	Leticia M. Q. Santos ⁷
Divertimentos e diabruras (mágicas, recreações científicas, passatempos, jogos, curiosidades)	Híbrido (divertido/ educativo/ instrutivo)	Prof. Kiehl ⁸

Fonte: Quadro produzido pela autora.

Como se nota, havia uma diversidade no tema das seções da revista, o que facultava algumas compreensões: 1) a busca de se constituir em um material vendável, de modo que seus conteúdos pudessem ser aceitos e consumidos por públicos diversos; e 2) a tentativa de se formar os jovens leitores como um todo, reforçando uma das representações dos jovens: aqueles que, por estarem em um período de vida transitório, entre a infância e a senectude, mereciam certa atenção para “não se perderem pelo caminho”, já que se constituíam como o futuro da nação. Deste modo, não causa estranheza o teor dos conteúdos veiculados na revista: educar, divertir, instruir e formar para o mercado de trabalho, fosse de forma isolada

⁴ Destaco, contudo, José Geraldo, colaborador versátil de *Vida Juvenil*, que atuou como ilustrador e autor de HQs no âmbito da revista.

⁵ Lausimar Laus foi uma escritora de Santa Catarina e uma das primeiras autoras, daquele estado, a escreverem para o público infantojuvenil, na década de 1950. Segundo Debus (2011), “seus textos circularam em várias escolas brasileiras, distribuídos pelo Ministério da Agricultura e Educação”, o que demonstrava, em certa medida, não só o seu reconhecimento no âmbito literário, como também o teor escolar de suas produções. Autora de livros como *Brincando no Olimpo*, *Os Sonhos de Candoquinha*, *As Aventuras de Zé Colaço* e *Histórias do Mundo Azul*, Laus seguia o modelo de formação de crianças e jovens por meio de uma literatura de viés educativo e moralizante.

⁶ Trata-se do engenheiro, professor, escritor e criador do pseudônimo Malba Tahan. Júlio César de Mello e Souza é um dos principais nomes no campo da Matemática, em especial da História da Matemática. Foi reconhecido colaborador na busca da popularização e desenfadamento do ensino da Matemática. Mais informações: <https://www.malbatahan.com.br/>.

⁷ Especialista pelo Curso de Orientação e Seleção Profissional do Departamento de Administração do Setor Público (DASP) (informação extraída da própria fonte).

⁸ Creio se tratar de Sérgio Rocha Kiehl. Não há informações sobre ele, mas há uma escola do estado de São Paulo que leva seu nome, o que me faz crer que se trata do colaborador de *Vida Juvenil*. Informação encontrada em: <http://www.educacao.sp.gov.br/cgrh/escolas/sergio-rocha-kiehl-professor/>. Acesso em: 07 de nov. 2022.

(apenas um tema específico por seção) ou hibridizada (uma mesma seção apresentava diferentes conteúdos).

Noções de juventude em *Vida Juvenil*

De acordo com Chartier (1991), a vida social está impregnada de representações sociais. As representações se conformam por meio das narrativas e das disputas, traçadas por meio de uma “relação arbitrária entre o signo e o significado” (1991, p. 185). Tais construções se dão por meio de um processo de longa duração e se estabelecem pela força de seu uso e de sua conseqüente cristalização diante daqueles que as usam. Assim, cabe problematizar algumas representações concernentes à juventude.

Apesar de recorrente, a idade não é o único fator a identificar a juventude. Catani & Gilioli (2008) apontam outras delimitações correntes para a juventude, de maneira geral:

a) Faixa etária: a delimitação por faixa etária é própria da busca por uma padronização, seja para a construção de dados estatísticos, para a elaboração de políticas públicas ou para a determinação de certos parâmetros, como a idade esperada para o estudo, para a entrada no mercado de trabalho, “a censura na mídia e as responsabilidades civil, penal e eleitoral” (CATANI & GILIOLI, 2008, p. 13). De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU) e a Organização Mundial da Saúde (OMS), a juventude, hoje, vai dos 15 aos 24 anos. Contudo, ao se considerar a adolescência, tomada como o início da juventude, a Organização Mundial da Saúde defende que ela se refere à segunda década da vida (dos 10 aos 19 anos), de modo que, a partir dos 15, lidaríamos com adolescentes jovens e a partir 20, adultos jovens. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA – Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990), por sua vez, define a adolescência como indo dos 12 aos 18 anos de idade, uma vez que a infância se encerraria aos 12 anos. Salienta-se, todavia, que esses dados não são fixos;

b) Relação maturidade e imaturidade, de matriz biopsicológica;

c) Critérios socioeconômicos: a partir da renda, da escolarização, da contração matrimonial, da conformação familiar (procriação), do local de moradia (rural ou urbano) e da capacidade de sustentação financeira seria possível diferenciar adolescentes, jovens e adultos;

d) Estado de espírito, estilo de vida e consumo cultural: a partir dos modos de se vestir, se comportar, se expressar e de interagir na sociedade seria possível se enquadrar um sujeito na condição de “jovem” ou não, mesmo que sua faixa etária esteja em desacordo.

Observa-se, assim, que a juventude pode ser identificada de dois modos, de maneira geral: uma autoidentificação em compor esse grupo (“estado de espírito, estilo de vida e consumo cultural”) e uma variedade de identificações e validações externas ao grupo (Estado,

família, escola, mídia, imprensa) que acabariam por determinar se um sujeito poderia fazer parte desse grupo (idade, maturidade/imaturidade e/ou questão financeira). Nas palavras de Santana (2011, p.2), “a juventude é simultaneamente (a) ‘um momento no ciclo de vida’, assim como (b) ‘um modo de inserção na estrutura social’ (*apud* SPOSITO, 2004)”.

O corpo editorial de *Vida Juvenil* buscava, então, oferecer uma revista que pudesse dar conta de parte desse público e das suas necessidades formativas⁹. Uma propaganda veiculada no jornal *A Noite*, quando do lançamento da revista, revela algumas das seções:

Fora das histórias em quadrinhos, a nova revista VIDA JUVENIL apresenta contos de Ofélia e Narbal Fontes, e uma História da Mitologia, de Lausimar, ambos belissimamente ilustrados pelo professor da Escola Nacional de Belas Artes, Calmon Barreto. Quadros Brasileiros, em lindas páginas coloridas, de autoria de C. Paula Barros; seção de Matemática recreativa, do Prof. Mello e Souza; Seção de Mágicas e de curiosidades e, o que é principal, uma seção de artigos culturais, redigidos por professores e versando assuntos relacionados com os programas educacionais, embora apresentado em linguagem leve, tal como um artigo de revista. Esta é, pode-se dizer, a parte importante desta novel revista, que colocou a supervisão desta seção sob direção do professor Ney Palmeiro, competente educador. A grande surpresa para os jovens será a seção de brinquedos para armar, impressa em ótimo papel couché. Neste primeiro número VIDA JUVENIL oferece um lindo Castelo Medieval. (*A NOITE*, 1949, ed. 13070, p. 8)

Pelo caráter transitório da juventude e pelas dificuldades no processo de amadurecimento, a juventude é comumente referenciada como um período “nem-nem” – “nem criança; nem adulto” – o que corrobora com as fragilidades dessa fase da vida. A partir de meados da metade do século XX, no Brasil, a juventude começou a tomar contornos muito próprios e fortalecidos, o que demandou ações práticas para se direcionar a esse público, como conteúdos e discursos específicos por meio de músicas, filmes¹⁰, livros, jornais e revistas¹¹, por exemplo. A partir daquele momento, então, o jovem deveria consumir produtos culturais apropriados para a sua idade. A partir da análise de *Vida Juvenil* pode-se inferir que, inicialmente, a idade esperada do público era a partir dos 10 anos¹², quando da finalização da

⁹ É válido lembrar o público visado por *Vida Juvenil*: jovens escolarizados da classe média urbana brasileira, de ambos os sexos.

¹⁰ Nesse sentido, Santos (2013) destaca a ampla divulgação e consumo do filme “Juventude transviada”, de 1955, além de outras produções norte-americanas, como filmes Hollywoodianos, de maneira geral, *Rock ‘n’ Roll* e *Comics* (Histórias em Quadrinhos).

¹¹ A título de ilustração, vale assinalar a mudança de nome do *Suplemento Infantil* que, com um conteúdo mais voltado ao público jovem, em especial Histórias em Quadrinhos (HQs), passou a se chamar *Suplemento Juvenil*. O mesmo aconteceu com *A Gazetinha* que, a partir de 1940, alterou o título para *Gazeta Juvenil*.

¹² Cabe sinalizar que identifiquei três fases relativas ao ciclo de vida de *Vida Juvenil*. Inicialmente, o periódico se lançou como uma espécie de “escola em revista”, apostando em conteúdos educativos, instrutivos, divertidos e de preparo para o mundo do trabalho. Após, a necessidade de mudança foi essencial para sua manutenção no

primeira etapa do ensino formal (o primário) até por volta dos 18, quando o jovem adentraria o ensino superior e/ou o mercado de trabalho. Tal assunção pode ser justificada pelos conteúdos observáveis, como Histórias em Quadrinhos para o público mais novo, uma seção direcionada para o mundo do trabalho para os leitores mais velhos, e seções de cunho escolar para todos. Contudo, o subtítulo da edição 185, de março de 1959, passa a especificar o grupo leitor esperado. Observe:

Figura 1: Capa de Vida Juvenil com os dizeres “Para maiores de 14 anos”



Fonte: VIDA JUVENIL, mar. 1959, ed. 185, capa. Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional (HDB/FBN)

mercado, haja vista o crescimento e o fortalecimento de revistas que veiculavam apenas Histórias em Quadrinhos (HQs) e faziam muito sucesso. Por fim, a última fase foi a completa mudança de uma revista híbrida para outra especializada em HQs, tal como a maioria das suas contemporâneas.

Gropo descreve a juventude como uma invenção de matriz histórica, social e cultural. Gropo (2000, p. 7-8) a define como “uma concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos”, além de visar “classificar indivíduos, normatizar comportamentos, definir direitos e deveres. [Por isso,] é uma categoria que opera tanto no âmbito do imaginário social, quanto é um dos elementos ‘estruturante’ das redes de sociabilidade” (GROPPO, 2016, p. 10).

Se não há juventude sem se considerar a historicidade, uma vez que o conceito não existe de maneira natural, pode-se afirmar que não existe uma história contemporânea sem a juventude, haja vista sua invenção e desenvolvimento na modernidade, com especial força após o segundo período pós-guerra. No Brasil, bem como em outros lugares do mundo, a inserção do ideário de juventude se consolidou na década de 1950, em um momento de intensificação da industrialização, urbanização, redemocratização após o Estado Novo (1937-1945), até o Golpe Militar de 1964, internacionalização da cultura e da expansão da cultura de massa, das mídias e tecnologias (SANTOS, 2013, p.38).

Muitos sociólogos e historiadores defendem a imprecisão de se demarcar e definir a infância, a juventude, a fase adulta e a velhice, principalmente porque esses marcadores não existem desde sempre. Nesse sentido, a divisão da vida em fases e em faixas etárias vem atuando como importante marcador e organizador das sociedades modernas, pelo fato de alimentar e ser alimentada por “representações simbólicas e situações sociais com suas próprias formas e conteúdos” (GROPPO, 2000, p. 8). Como visto, a faixa etária é uma importante configuração, talvez a principal, ainda que sua divisão seja flexível, complexa, não-natural e não-universal, uma vez que ela responde a demandas e a dinâmicas da própria sociedade.

Nas palavras de Gropo (2016), “de modo análogo à estruturação da sociedade em classes, a modernização também criou ‘grupos etários homogêneos’, categorias etárias que orientam o comportamento social, entre elas, a juventude” (p. 10). Por isso, não surpreende o fato de *Vida Juvenil* ser direcionada “para os jovens do Brasil”, conforme subtítulo da revista, uma vez que o conteúdo do periódico poderia e deveria ser consumido por todos os jovens do país, haja vista a uma pretensa homogeneização desse grupo¹³. Desse modo, é possível identificar algumas representações que homogenizam a juventude e algumas formas de ser

¹³ Importa reforçar, contudo, que, apesar da busca por uma homogeneização dos “jovens do Brasil”, por parte da revista, as questões de raça, classe e gênero, no Brasil, são marcadores deveras importantes para a configuração de uma juventude heterogênea.

jovem na revista. A edição 18 de *Vida Juvenil*, de junho de 1950, estampa uma representação do “jovem rebelde” e, portanto, de natureza problemática. Observe:

Erik Raude nasceu na Noruega e se tornou célebre pelo seu *caráter rebelde, violento e sanguinário*. Condenado ao exílio por crime de assassinato, aprestou um grande barco de velas quadradas e fez-se ao mar como autêntico chefe de bando de piratas.

Vencendo as procelas do mar gelado do Norte, aportou na Islândia onde se estabeleceu com a mulher e um punhado de companheiros, pagãos como ele, e escravos pilhados nas suas tropelias marítimas.

Irrequieto, porém, não durou muito o seu sossego naquela inóspita ilha. Entrou em rixa com os habitantes que lá encontrara, foi julgado *indesejável* e, para não ser caçado como foca por todo o povo, retirou-se da Islândia, levando família, gado, fiéis comparsas e todos os seus pertences. (VIDA JUVENIL, jun. 1950, ed. 18, p. 46. Grifos meus.)

É possível supor que a história do norueguês Erik Raude estivesse em *Vida Juvenil* como uma maneira de assinalar características de um jovem rebelde, quais sejam violento, sanguinário, criminoso, assassino, ladrão, irrequieto, e de algumas das consequências de um jovem agir assim: ser julgado indesejável, digno de ser caçado pelo povo e passar à condição de fugitivo. Acredito se tratar de um modo de dissuadir os jovens leitores ao salientar o lado negativo da rebeldia e as possíveis consequências negativas para quem assim agisse.

Segundo Pais (1990), cada fase tem suas características mais ou menos definidas à luz de determinado período, de modo que, para ele, histórica e socialmente, a juventude tem sido marcada pela instabilidade emocional dos sujeitos e dos problemas sociais causados pelos seus protagonistas, o que poderia ser considerado um sinal de alerta.

Os aspectos biológicos, por sua vez, já vêm sendo estudados há algum tempo, antes mesmo de a Sociologia tomá-la como central. De acordo com Catani & Gilioli (2008),

em 1904, a obra *Adolescence*, de Stanley Hall (1844-1924), apresentou a adolescência (uma espécie de —primeira etapa da juventude) como período de amadurecimento biológico caracterizado por comportamentos oscilantes e contraditórios (...). Mesmo recebendo duras críticas da Sociologia [por ignorar a influência da cultura no desenvolvimento humano], o discurso de matizes psicobiológicas manteve sua força. (p. 14)

Tal matriz ainda é frequente no âmbito social. Não é rara a premissa de que a adolescência é um período misto entre rebeldia e amadurecimento e que as “crises de identidade” despontam como um dos seus principais atributos. As próprias organizações internacionais, como ONU e OMS, destacam os aspectos biológicos e fisiológicos desenvolvidos durante a adolescência, na puberdade, que também é um marco dessa fase da

vida. Pensar a juventude é, portanto, conformar os diversos elementos que a constituem, seja no âmbito psicológico, biológico, fisiológico ou social.

A juventude é considerada fruto da modernidade e tem servido a diferentes propósitos, principalmente no que concerne ao seu “dever” de dar continuidade à engrenagem social a partir do seu ingresso paulatino no mundo adulto e do trabalho. É possível compreender o modo como *Vida Juvenil* se alinhava a tal ideário ao inserir uma seção que tratava especificamente das profissões. A coluna demonstrava a relevância atribuída ao jovem no processo de manutenção do estado social por meio da sua mão de obra profissional qualificada.

Figura 2: Página inicial de Escolha sua Profissão

Janeiro-1949 — Pág. 30

VIDA JUVENIL

PROFISSÃO MAL ESCOLHIDA...

INSATISFAÇÃO PERMANENTE

TRABALHO MAL EXECUTADO

PREJUIZOS PARA A SOCIEDADE.



**ESCOLHA SUA
PROFISSÃO**

APRESENTE SUAS DIFICULDADES
E "VIDA JUVENIL" AJUDARÁ A RESOLVÊ-LAS.

Letícia M.A. Santos.

Aquêlê que bem exerce sua profissão, qualquer que ela seja, fá-lo com prazer, é dignificado e presta serviços inestimáveis à sociedade. No vasto campo das atividades humanas há algumas que seremos capazes de executar com perfeição; outras, apenas mediocrementemente; e outras só imperfeitamente.
— «Para mim, quais serão elas?»
E' esta a pergunta que todo jovem deverá fazer antes de decidir sôbre sua futura profissão.

No próximo número: NO MUNDO DAS PROFISSÕES

Fonte: VIDA JUVENIL, jan. 1949, ed. 1, p. 30. Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional (HDB/FBN)

Trata-se da página inicial de propaganda da seção “Escolha sua Profissão”, de janeiro de 1949. Nela, os quadrinhos da parte de cima da página chamam a atenção. Contudo, ressalte-se o terceiro quadrinho da esquerda para a direita:

Figura 3: Página inicial de Escolha sua Profissão (2)



Fonte: VIDA JUVENIL, jan. 1949, ed. 1, p. 30. Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional (HDB/FBN)

O quadrinho salienta os possíveis prejuízos para a sociedade no caso de o jovem escolher mal uma profissão, de modo que tal escolha implicaria em uma execução malfeita do trabalho, o que acabaria por atrapalhar o bom andamento da sociedade. *Vida Juvenil* parecia almejar refrear tais erros e desserviços à pátria, a julgar pela inserção de uma coluna específica para tal fim, que contava com conselhos e advertências ao jovem leitor.

Nesse sentido, Pais (1990) argumenta que

Um adulto é «responsável», diz-se, porque responde a um conjunto determinado de responsabilidades: de tipo ocupacional (trabalho fixo e remunerado); conjugal ou familiar (encargos com filhos, por exemplo) ou habitacional (despesas de habitação e aprovisionamento). A partir do momento em que vão contraindo estas responsabilidades, os jovens vão adquirindo o estatuto de adultos. (p. 141)

Desse modo, a composição de *Vida Juvenil* faculta compreender o intuito do editorial no que concernia à defesa de Pais (1990), uma vez que era esperado que o jovem se tornasse um adulto “de fato”, com responsabilidades para com o seu país e com os seus conterrâneos. Há uma corrente sociológica que atribui à juventude a capacidade de dar vigor à sociedade, o que parece coadunar com o esforço de *Vida Juvenil* em colaborar com o “Brasil do amanhã”. Tal premissa é defendida por Mannheim (1978, p. 91-100 *apud* GROPPPO, 2000, p. 25) que demonstra a relevância da invenção da juventude para a máquina social:

enquanto as sociedades tradicionais depositam o prestígio e o poder nos mais velhos, além de relutarem ‘em encorajar novas forças latentes dos jovens’, as sociedades dinâmicas, como as modernas, ‘contarão principalmente com a cooperação da juventude’. Em Mannheim, a juventude é reconhecida como ‘agente revitalizador’ da modernidade.

O excerto pode ser a justificativa para o cuidado que se podia observar na revista em relação ao jovem, de modo a cuidar e valorizar essa fase da vida que seria aquela que, em certa medida, garantiria a manutenção de valores e práticas sociais.

Considerações Finais

O artigo buscou apresentar algumas das representações juvenis a partir da revista *Vida Juvenil* e das discussões provenientes da revisão de literatura empreendida. Compreendeu-se que a referida revista, que circulou de 1949 a 1959, em território nacional, buscou oferecer, na primeira fase de circulação, conteúdos híbridos, de modo a mesclar seções de cunho

educativo, instrutivo, divertido e de formação para o mundo do trabalho. Como forma de ratificar tal hibridismo, foram elencadas algumas seções que compuseram o periódico.

A partir de discussões teóricas advindas do campo da História e da Sociologia acerca da juventude, foram destacadas e analisadas duas representações de juventude na revista: uma que versava na representação de jovem rebelde – e problemático – e outra, na representação do jovem enquanto o futuro da nação e do mercado de trabalho. Compreendeu-se que os discursos apresentados não se pretendiam neutros e fortuitos; pelo contrário, cumpriam com os valores apregoados pelo editorial da revista, a saber de formar jovens leitores através de discursos nacionalistas, “do bem” e de formação profissional. Espera-se, enfim, que tenha sido possível colaborar com as discussões relativas ao tema da juventude no âmbito da História da Educação, assim como apresentar a revista *Vida Juvenil*.

Referências bibliográficas

- BAKHTIN, M. M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. 16a Ed. São Paulo: Hucitec, 2014.
- BOURDIEU, Pierre. “A ‘juventude’ é apenas uma palavra”. In: **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p. 112-121.
- BRAGHINI, Katya Mitsuko Zuquim. **A ‘Vanguarda Brasileira’: a juventude no discurso da Revista Editora do Brasil S/A (1961-1980)**. Tese (Doutorado em Educação: História, Política, Sociedade), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.
- CATANI, Afrânio Mendes & GILIOLI, Renato de Sousa Porto. **Culturas juvenis**: múltiplos olhares. São Paulo: Editora UNESP, 2008.
- CHARTIER, Roger. “O mundo como representação”. **Revista Estudos Avançados**. Tradução Andréa Daher e Zenir Campos Reis. 11(5), 1991, p. 173-191. 98
- CHARTIER, Roger (org). **Práticas da Leitura**. 5a Ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.
- GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patricia Santos. **Intelectuais mediadores**: práticas culturais e ações políticas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- GROPPO, Luís Antonio. **Introdução à Sociologia da Juventude**. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.
- _____. **Juventudes**: sociologia, cultura e movimentos. Universidade Federal de Alfenas: Alfenas, 2016.
- _____. **Juventude**: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000a, 308p.
- PAIS, José Machado. “A construção sociológica da juventude – alguns contributos”. **Análise Social**, vol. XXV (105-106), 1990 (1.º, 2.º), 139-165.
- SANTOS, Liana Pereira Borba dos. **Mulheres e revistas**: a dimensão educativa dos periódicos femininos *Jornal das Moças*, *Querida* e *Vida Doméstica* nos anos 1950. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.
- SANTOS, Lidia Noemia Silva dos. **A invenção da juventude transviada no Brasil (1950-1970)**. Tese (Doutorado em História). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), 2013.
- SOUZA, Mariana Elena Pinheiro dos Santos de. **Divertir, educar e instruir**: Vida Infantil (1947-1950). Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.
- SOUZA, Mariana Elena Pinheiro dos Santos de. “O Jovem em Revista: Vida Juvenil (1949-1959)”. **Anais do XI Congresso Brasileiro de História da Educação**, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2022.
- SPOSITO, Marília Pontes. (Coord). **Estado do conhecimento: juventude e escolarização**. São Paulo: Ação Educativa/ INEP, 2000.
- SPOSITO, Marília Pontes. “Estado da Arte sobre juventude: uma introdução [Prefácio]”. In: _____ (org.) **O Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira**: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006), Volume I. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2009.
- SPOSITO, Marília Pontes (coord.). **Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira**: educação ciências sociais e serviço social (1999-2006), volumes 1 e 2. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2009.

Fontes documentais

A NOITE. Rio de Janeiro, ed. 13070, 4 de jan. de 1949, p. 8.

VIDA JUVENIL, Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano 1, n. 1, jan. 1949.

VIDA JUVENIL, Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano II, n. 18, jun. 1950.

VIDA JUVENIL, Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano 10, n. 185, mar. 1959.

Enviado: 12 de fevereiro de 2023

Aprovado: 05 de julho de 2023